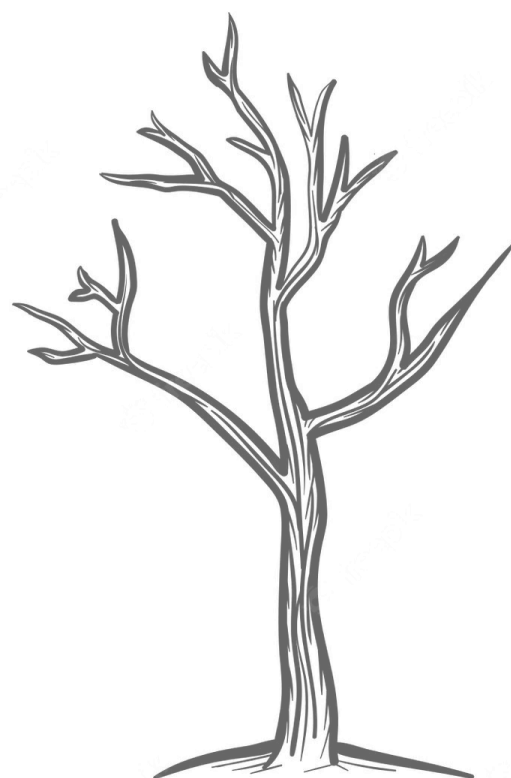


SAPO

NESTOR VÍTOR

1897



SAPO

(SIGNOS, RIO DE JANEIRO, 1885)

I

— Mas, afinal, parece que eu tenho o direito de dispor de mim mesmo... — opôs o Ernesto.

Era um rapaz de estatura mediana, vinte e quatro anos aparentes, pequeno bigode castanho à sombrear-lhe os lábios frescos, delicados, vermelhos, que faziam lembrar a polpa de uma goiaba.

— Ah! decerto que eu quero fazer monopólio de ti... — retrucou o Bruce, esverdeando-se-lhe num sorriso sardônico a boca, que era talhada de um grande golpe amargo. — Mas dispões excelentemente de tua pessoa depravando-te com uma farpela.

E nisto, sem mais encarar o outro, que, como ele, estava de pé, com dois passos enormes chegou à extremidade do quarto.

O Bruce já completara trinta anos. Rosto comprido, descarnado, malfeito; nariz longo, caindo em linha oblíqua, fino na ponta, mas de propagada raiz; nem bigode, nem barba. Temperamento sanguíneo. Tinha todo o aspecto de um eclesiástico vestido à civil. Apenas o cabelo, de um louro puxando a ruivo, descuidado, comprido, e a roupa cheia de rugas acentuadíssimas, como as dos bronzes, contradiziam com o asseio e o capricho dos padres, em geral, quando envergam o casaco paisano.

— Ora! — voltou o Ernesto, mãos nos bolsos, retorcendo-se, com um sorriso amarelo. — Tu nunca deixarás de ser um insuportável casmurro!

— Antes isso! — gritou o outro, parando de novo. — Prefiro! a ser o fraldiqueiro que te estás fazendo.

O Ernesto encarou-o um momento. Seus olhos, que eram tão brandos, quase femininos, esfuziavam agora de raiva. Mas, vindo-lhe uma resolução, ele estalou a boca com desprezo, tomou o chapéu que estava sobre a mesa, e foi saindo, estonteado, as costas grossas, como o dorso de um gato que embraveceu.

Antes, porém, de ele transpor o limiar, deixou esta palavra ao Bruce, que lhe saiu surda, dentre os dentes:

— Imbecil!

O outro atirou-se de um pulo e fechou a porta com estrondo, dando ao mesmo tempo uma volta com a chave.

— O que disse? — perguntou, os cabelos, ígneos, caindo-lhe à testa, o rosto apoplético, numa transfiguração.

O Ernesto abaixou os olhos, com os lábios trêmulos e brancos.

— Então ficamos fechados aqui? — interrogou, fugindo à confirmação exigida. — Deixe-me sair de uma vez!

Já não se tratavam por tu. Tinha desaparecido toda intimidade entre eles.

— Covarde! — rosou o Bruce, olhando-o com um profundo desprezo.

— Imbecil! — teve o companheiro afinal a coragem de repetir.

Mas nisto estrondou-lhe na face uma bofetada horrível.

— Ahn!... — fez o outro, num desvairamento completo.

E, com método, como o Ernesto estivesse atordoado com a primeira, ele pespegou-lhe nova bofetada, e mais outra, escolhendo lugar. Essa calma, dentro desse desvario, parecia vir-lhe da consciência absoluta de sua superioridade sobre a vítima. Ele como que punha naquilo uma volúpia sexual de conquistador primitivo. Era semelhante ao antropoide vencendo pelo terror a fêmea que lhe estava revel.

Mas o rapaz, fugindo-lhe, afinal, de um salto, com um movimento de navio que bordeja para dar a volta, veio cair sobre ele de chofre, atirando-lhe convulsas punhadas ao peito.

O Bruce fez um movimento de nojo e desdém. Nem parecia sentir a represália. Abriu a porta com energia e puxando os cabelos ao Ernesto atirou-o para fora com um pontapé sobre a nádega.

— Vai, miserável! — ele grunhiu.

Com a luta tinha caído ao outro, no quarto, o chapéu. Ele o apanhou, raspando o soalho com as unhas, pô-lo para fora, e tornou a atirar a batente, impetuoso, voltando-se para dentro com o ar desimpedido de quem acaba de liquidar uma situação.

— Era preciso esta vassourada naquele lixo! — exclamou por fim, falando alto a si mesmo. — Era preciso!

No entanto, a única culpa do Ernesto era esse fato a que tinham aludido. Ele tomara à sua conta, por desvario da mocidade, uma mulher de baixa espécie, com todo o fogo da primeira paixão carnal.

Havia cinco anos que durava aquela amizade, hoje rompida entre os dois. Tinham travado relações num escritório industrial, onde o Bruce era desenhista de plantas e o outro escriturava em livros. Viviam inseparáveis. Por toda parte um era a sombra do outro. Agora, com o transviamento do Ernesto, era forçoso haver intermitências nesse convívio. E, no fundo, a queixa maior do Bruce vinha toda daí. Aquela mulher se lhe tornara uma espécie de rival, uma concorrente

insuportável que lhe andava pleiteando essa posse afetiva da qual já se habituara ele a ser o exclusivo senhor.

— Imbecil! — rememorava agora, citando a injúria que lhe fizera o velho amigo. — O devassozinho de pantomima tem espírito! Depois de eu andar todo este tempo acalentando aquela cobra no seio, um pobre-diabo a quem até agora eu dei a honra de repartir com ele o ar da minha atmosfera, boa noite! E, meio à sorrelfa, antes de sair, como um brejeiro de praça, quer me escrever às costas, para os outros verem e rirem, aquele epítetozinho, que, na sua opinião, é o resumo crítico de toda a minha vida basbaque com ele! Refinadíssimo canalha!... Saiu-lhe o trunfo um pouco às avessas!... Agora pode se ir — disse ele gargarejando uma cava risada, com um largo acionado, de quem vota ao abandono. — Que leve à tal rameira aquelas três rosas plantadas à cara, enquanto estão frescas, para ela fazer uma ideia melhor da minha generosidade de paio... Refinadíssimo canalha!...

E, como um tigre que assanham dentro da jaula, ele se atirava de uma extremidade à outra, no seu quarto de pensionista solteiro, com violentas passadas.

II

— Era necessário!... Eu não sei transigir! Continuar a conviver com indivíduos que são aos meus olhos fantasmas vazios, sugados por dentro, sem medula, sem carne, podres farrapos especados a ambular, é o que mais me repugna na vida!... Por que é que aquele biltre me voltou depois de se haver entregue à degradação daquele modo? Pensava, talvez, que com palavras doces eu o untasse de mel, deixasse-o dourado da minha complacência, passasse-lhe um verniz de falsa purificação, para continuar a tolerá-lo comigo?!

Monologava deste modo o Bruce. Mas agora — era no dia seguinte — estava ao ar livre, percorria as aleias de um logradouro público, o seu passeio de todas as tardes, infalível.

Antes deste rompimento, ali andava ele até à noite, sempre com o Ernesto, a cabeça levantada ao alto, assim como hoje, pensa um pouco para o lado esquerdo, como a de quem anda visitando galerias, o passo medido, vagaroso, autoritário, um braço para trás, com certo ar de ociosidade orgulhosa. Lembrava um proprietário que vem fazer o costumado giro senhorial pelo seu domínio.

Entre os dois um contraste de aparências completo. Enquanto o Bruce tinha aquela compostura inalterável, aquela rígida gravidade de maneiras, todos os membros do corpo em disposição determinada para fazer o conjunto, que já se fixara de um modo definitivo, irrevogável, o outro era todo desconjuntado,

atirava as pernas à toa, um passo cá, um passo lá, como marinheiros em terra, trazia os braços sem saber onde pô-los, e era alegre, ria, ria a perder, por qualquer frase que o amigo, olhando para diante, dizia entredentes, enquanto este guardava, apesar dessa hilaridade que provocara, os seus modos soberanos e sérios.

— E ainda por cima insultar-me! — Lembrou ainda uma vez aquele solitário passeador colérico. — Sejam canalhas à vontade, sujem a vida como se borra um quadro, mas ao menos a mim me respeitem, levem a brocha para longe, não me queiram afogar no piche!

Com o sentimento dessas ideias, ruminando-as, como um boi fora de horas, entrecruzando com ele sentimentos correlativos, numa obsessão mortal, o Bruce percorreu umas dez vezes com o seu andar de rei sonâmbulo, inalterável aqui fora, aquelas alamedas, em quadro.

Por último, venceu as escadas do terraço a cavaleiro do jardim e encaminhou-se vagarosamente para as muralhas, estacando silencioso em frente ao mar que daquele mirante se lhe descortinava, ruidoso e vasto.

Vinha descendo a noite. No horizonte os contornos dos morros, dos recifes, das pequenas ilhas dispersas, iam perdendo o vigor, esfuminhavam-se tristemente, engolfando-se tudo caoticamente na sombra, aos poucos. Era aquilo como o ruir surdo de um mundo, sob o estribilho plangente e misterioso das vagas.

Olhos fixos no espaço, aquele ser que o ódio alucinara se foi apercebendo lentamente dessa destruição da treva, foi abrangendo o conjunto, ao mesmo tempo que se ia esquecendo de si mesmo; até que se quedou, inteiramente embevecido, numa comunhão franca e direta com a larga melancolia das coisas.

O tom da natureza naquela hora foi-lhe para a alma como uma surdina imprevista e penetrante de que de repente se alagasse, como de um luar, um campo de guerra, onde, sob as trevas, cheios de fúria, dois exércitos inimigos se chocassem, esmagada no coração a flor divina da piedade humana.

Em vez de lhe agravarem as penas, aquelas sombras levificaram-nas, levando nas asas de fumo o seu peso maior. Aquela cólera humana que ele trouxera empalideceu, diluiu-se em mágoa, afinando-se o seu coração com a espiritualidade sagrada do momento.

Aos poucos, como que ele foi deixando de ser uma entidade à parte, fechada inexoravelmente no seu círculo de dores, para ser quase que uma nuvem apenas, uma partícula de outro todo, imenso, uma insignificância tal que por pouco ignorava a si mesma.

— Ah! — então ele pensou — se estes momentos de êxtase, em que pressentimos, entrevemos o céu, não fossem apenas como um relâmpago que

ilumina o caminho para deixar o viajante mais cego e mais desesperado depois, se a sua tarefa já estivesse pronta, como a de um galé que levam a descansar por já ter os ombros suficientemente chagados, se ele já se pudesse ir, afinal!... Não! não! De cada vez melhor se lhe confirmava, não existia propriamente a Dor. A Dor não era mais do que um modo de ser da impotência ou da incompreensão. Ele não desejava abandonar a Vida. Nada podia inspirar mais horror a um espírito do que o aniquilamento absoluto. A sua grande ânsia era apenas por deixar esta baixa realidade terrena, porque ele a sabia um nojento simulacro, e entrar, soluçante, no Sonho, que era a Vida legítima, o definitivo Real. Toda alma — disse ele à meia-voz — tem o pressentimento de seu destino, como tem-no quem sobe ou quem desce, pelo peso ou pela fluidez da atmosfera que sustenta aos ombros. Só quem vai na vertigem atordoante, entontecedora da queda — quem danou —, é que pode conceber como um destino lógico, e até aspirá-lo, o baque sinistro e final. Quem sobe — severo, resistente, puro — de cada vez vai respirando melhor, sonhando com uma franquia absoluta, o espírito voando para o Ideal, como uma águia de envergadura de aço para o píncaro descalvado de montanhas perdidas no céu. Mas os Seres, os Seres propriamente ditos — ele completou, segredando misteriosamente a si mesmo —, esses feitos de Incorrupibilidade e Clareza, só podem ser verdadeiros diamantes espirituais depois de andarem pelas Esferas numa cristalização inexorável de milênios...

III

A noite tinha descido francamente, aveludada e negra. Ele, porém, continuava a pensar, mergulhados os olhos na treva, o espírito inundado de luz. Invadira-o inteiro uma doce melancolia religiosa, com cujo íntimo gozo seria irrisório pretenderem estabelecer emulação os tristes prazeres terrestres.

Mas houve um momento em que ele sorriu, como de uma infantilidade que lhe tivesse atravessado o cérebro.

— Aí volta-me o Ernesto — murmurou imperceptível, esboçando esse sorriso. — Como ele vem pequeno! — gracejou.

Da altura mental em que o Bruce pairava, a aparição do pobre rapaz no seu pensamento produziu o efeito destas pequenas povoações brancas que, de repente, ao fazer de uma curva, se nos deparam lá numa planície longínqua, em miniatura, parecendo garças num campo, quando vamos contorneando uma serra que lhes fica a cavaleiro milhares de metros.

Em todo caso, apesar disto, bastou-lhe pensar de novo naquele doloroso assunto para o coração se lhe confranger um pouco e ele vir baixando vagorosamente daquela nobre atmosfera em que librava.

Desceu as escadas, passou distraidamente pela multidão do jardim e saiu.

Que dor de repente lhe veio pelo caminho daquela separação irrevogável!

Ah! só quem lhe conhecesse a alma, quem lhe conhecesse a vida horrível, poderia avaliar as consequências daquele fato, na aparência tão vulgar e tão fútil!

Aquela amizade que ele próprio rompera saía-lhe do coração como uma única árvore que dava sombra no deserto e que o simum violenta pelas raízes alastradas, deixando aberta uma vala, como chaga profunda, no solo.

Ele hoje nem tivera coragem de voltar ao escritório. Havia oito anos que ali trabalhava, e ainda não fizera entre seus companheiros dois amigos. Pelo contrário, a casa inteira lhe era mais ou menos desafeta.

Aqui fora, nenhum amigo também.

Que queriam que fizesse? Era o seu gênio! Questão de feitio!

Nem ele sabia como encontrara o Ernesto na vida. Tão meigo, tão compassível, tão dedicado a ele! Além de tudo — e fora isto que solidificara melhor a amizade entre os dois —, debaixo daquelas aparências de frívolo feliz, que alma triste que tinha o Ernesto, alma de eleito, com nostalgias do desconhecido! Como ele, um pobre desolado no íntimo, procurando afeto como quem tem sede procura um regato.

Os dois se haviam agregado ao industrialismo por contingências da vida. Ambos tinham interrompido seus estudos. O Ernesto, por um fastio de espírito, traço dominante do seu caráter. Aquele rapaz era de um fundo angélico e boêmio. Tinha nascido em província. A família, afinal, resolvera expedi-lo para o comércio aqui fora a ver se se lhe despertava atividade no espírito. Ele não teve coragem de opor-se, veio por bonomia, para fazer a vontade aos velhos, e por aí andava a parasitar, incurável, até hoje. O Bruce, que começara a preparar-se para a engenharia, cortara a carreira com a morte do pai.

Ah! é que ele não tinha dissimulações nem cansaços, lembrava um corpo horrível sem nuanças, sem sombra. Onde quer que estivesse era trágico. Era um anátema e um látego, de golpes inexoráveis de análise, uma coluna de fogo caminhando, incinerando caracteres, que chiavam como mariposas nas chamas, apanhando-lhes as linhas tortas, por mais absconsos, mais escorregadios e fugitivos que eles fossem, deixando atrás de si a desolação de um cemitério, um monte de cinzas desmoralizadas e frias.

Ele não tinha misericórdia humana.

Daí todo aquele inferno em redor. Os medíocres são como as mulheres: pagam com onzenas o mal.

Punham-lhe à cabeça nimbo violáceo, sinistros, emprestavam-lhe lendas odiosas, para se iludirem a si próprios, para ficarem de coração mais repousado

em frente desse homem, cuja presença inexorável era o terremoto daqueles ânimos.

Para sempre lhes ficara fechado um olho, malicioso e canalha, a propósito das relações que ele mantinha havia tantos anos com o Ernesto.

Quantas vezes este não se apercebera, pela atmosfera das coisas, daquelas presunções infamantes! Fora ele uma alma inteiramente vulgar, e deixaria o outro no deserto, iria fazer fileira com os mais, para lhes dar causa de vitória e com isto tapar-lhes a boca, achando que o heroísmo é um mal.

Neste instante, justamente, já em casa, se estava lembrando o Bruce daquelas horas em que, solitários os dois, à noite, tantas vezes suas almas se entenderam, noivaram numa tristeza indefinida, um noivado de espectros, ele com roucas palavras, inacabadas, desconexas, como sons negros e perdidos de uma harpa de ferro, o Ernesto sem palavras, mas com lágrimas femininas, com soluços de criança, seu coração transbordando de mágoas humanas, como uma taça de ouro, feita para atestar-se de néctar, que encheram, no entanto, de fel.

— Ah! que infame essa mulher que o perdeu! — dizia ele desolado.

E como ela pôde atraí-lo, pensava, depravar-lhe a pituitária, envolvê-lo nas saias, deixá-lo idiotado, de olhos bambos, diante de si, como um filho de fauno enamorado por uma bruxa trapuda que se fez coquette! Aquela alma, quase de anjo, agora estava de joelhos na lama, adorando, como por castigo, um ídolo cornóide! E ele — continuava o infeliz a meditar, a garganta oprimida —, ele ali ficara para um canto, aquele seu único afeto transformado em mais uma cólera contra si, que era sozinho, só, como um grito de louco no deserto, que era velho de alma, viúvo de esperanças! Imprecavido, ele fizera daquele arrimo um hábito arraigado, fizera dele o seu vício, sem pensar que lhe faltando aquela alma não haveria para si mais arrimos depois!

— Como hei de viver agora? — ele exclamou.

E, nisto, veio-lhe, como nunca, uma visão sinistra, absurda, inteiramente louca, da solidão. Como que ele se sentiu envolvido pelo vácuo de um Saara sem atmosfera. E esse vácuo, como uma abóbada enorme transformada em bombo — voz impossível do Silêncio —, reboou-lhe oceânico, tempestuoso no ouvido. Os cabelos se lhe eriçaram, como um grande punhado de facas no crânio. E ele, que estava sentado, levantou-se gigantesco, espectral, caminhou sonâmbulo, imitando com a própria voz aquele cavo regoço ilusório.

Assim andou por instantes, até que, finalmente, se lhe amiudando esses soluços, que se foram fazendo uivos, aquilo rebentou de repente num choro sinistro, de lágrimas grossas como cordões, que lhe inundaram a face, transtornada e disforme.

Aquele homem quase que já não se lembrava de quando tinha chorado. Veio-lhe esse pranto como a chuva em valas que já racharam, já se petrificaram com uma seca de anos. Parecia-lhe, no meio daquela angústia dantesca, antes das lágrimas lhe virem, que se lhe queria arrancar o coração, as outras vísceras, a alma. Os primeiros borbotões de lágrimas, caindo-lhe à boca, pareceram-lhe sangue. Só depois daquele pranto tomar a proporção desses dilúvios que vêm derrocando, vêm criando aluviões, é que ele perdeu a consciência de si mesmo, reduziu-se a uma coisa, vencido pelo excesso da dor.

IV

No entanto, duas horas depois ele despertou à meio. Ficou como que ouvindo atrás de si o eco, rouco e monótono, da tempestade que passara. E isto trouxe-lhe um pouco dessa consolação melancólica das almas que já foram mártires, que já receberam a sagração da dor. Raros momentos tivera na vida como este, em que ele sentia falar em si a voz da solidariedade humana, a necessidade de ser bom, pela compreensão da dor alheia.

Esta sensação era diferente da que experimentara ainda hoje à tarde naquela comunhão em que sua alma entrara com o inanimado, fazendo-se crepuscular com a natureza, sendo momentaneamente absorvido por ela. Agora não lhe vinham aquelas ideias que o faziam tão pequeno, mas ao mesmo tempo tão grande perante si mesmo. Ele sentia-se humilde, apenas; era aos seus olhos como uma espiga cereal, perdida, pelo número, numa vasta seara, onde se pudesse correr o nível. Era um homem como os outros, sofredor e tristonho.

Mas, por isso mesmo, como que uma aurora lhe vinha despontando no íntimo, que lhe causava um susto delicioso, uma qualquer coisa de coração virgem que presente pela primeira vez o amor.

E na luz peregrina dessa aurora como que ele sentiu de repente o branco bater, o bater de arminho de umas asas. Vinha-lhe vindo uma vaga esperança, sem objetivo, sem rumo.

Limpou os olhos, limpou as faces, saiu.

A noite continuava aveludada e negra. No céu, raras estrelas, mas maravilhosas e enormes. Pareciam almas palpitantes de gênios que tinham sido solitários na terra e que ainda lá em cima guardavam a majestade dos hábitos, erravam arrastando seus mantos enormes, quando o campo, deserto, lhes podia oferecer a delícia da solidão e da paz.

Sem saber por quê, embrenhado nas ruas, veio-lhe a ele uma vontade absurda de encontrar o companheiro saudoso, de que, neste momento como nunca, a sua alma se sentia amiga.

Afigurou-se-lhe que o outro o procurava também.

– Quem sabe? – disse ele consigo. – Nós ainda nos podíamos perdoar.

Transeuntes acotovelavam-no.

– Se ele de repente aparece?

E tinha na sua visão o Ernesto, meigo, arrependido da ofensa, censurando-o da brutalidade da véspera com a eloquência de um olhar, em que ainda havia bondade, mesmo assim.

Mas nisto ouviu atrás de si uma voz que era a dele. Era a sua gargalhada, argentina, sem fundo.

Veio-lhe uma forte pancada ao coração, uma picada no cérebro.

Já de repente pareceu-lhe aquela gargalhada a de um demônio. Era ele. Mas não vinha só. Trazia a bruxa trapuda consigo.

O Ernesto ria, a mulher sorria, faziam galhofa, mas era contra ele que esta galhofa era feita.

Voltando-se, o Bruce teve tempo de ver ainda. Os dois iam transpondo a porta de um café. Quando ele os viu, o Ernesto, sacudindo-se, ainda o apontava com o índice.

Pareceu-lhe que os dois lhe haviam apanhado em flagrante aqueles pensamentos de doçura tão raros em seu cérebro, e que era a esses, como a um ridículo, que eles estavam vaiando.

Uma cólera terrível apertou-lhe a garganta. Ele ficou hirto por instantes, a boca como a de um torturado que proibiram de falar, os olhos esbugalhados e rubros. Mas, por fim, a voz lhe pôde sair, e ele, como um louco, ante a estupefação dos curiosos, gritou para a porta, num tom esganiçado de histérico:

– Canalhas! canalhas! canalhas!...

V

Durante oito anos inteiros raríssimas vezes no escritório lhe haviam notado a ausência. Além disso, desde a primeira até a última hora, ele abaixava a cabeça e esquecia-se de tudo num trabalho sem tréguas.

Era essa, unicamente, toda a sua força ali.

Agora o Bruce se modificara num ponto. Desde que entrava até que saía, tinha a persistência de sempre, mas, apenas, perdera a assiduidade antiga, passava sem vir muitos dias seguidos, deixando toda a casa boquiaberta de pasmo.

As coisas lhe eram muito diferentes hoje.

Dantes ele quase que não reconhecia inimigos ali em redor. Um orgulho enorme levantava-lhe a alma diante daqueles medíocres, que o fazia olhar-lhes

de cima, com desafio insolente e um ar de soberano desprezo. Nunca ele se prendera por um fio de afeto a algum deles. Era como um hipopótamo exilado num reino de pulgas.

Sem saberem por quê, os outros, que na sua ausência assoalhavam as almas ao calor da cólera coletiva alimentada contra ele, desde que o Bruce chegava estremeciam em sua presença, quase que se tomavam de pânico e entravam numa reserva desesperada e morna, como dentro da concha o caracol.

Hoje, com aquele rompimento irreparável, eles tinham levado para as fileiras o Ernesto, em triunfo, como um estandarte que se toma ao inimigo. Cheio de queixa, com as paixões naturais no coração de um homem que foi humilhado e ofendido, o Ernesto deixou que o bandeassem, sem relutância alguma.

— Eles não diziam? Quem é que tinha razão? — perguntavam-lhe triunfantes os outros.

Começaram a tratá-lo com carinhos particulares e novos. Instintivamente todos compreendiam o valor do despojo.

Ao Bruce transformaram-se então os aspectos. Agora que os companheiros tinham o Ernesto consigo, começaram a avultar aos seus olhos. Eram como se fosse um indivíduo que de repente lhe tivesse tomado uma mulher. Se o infeliz os via muito alegres, em grandes intimidades, com segredos ao ouvido do outro, tomava-se de ciúme mortal contra todos, parecia que lhe estavam fazendo uma miserável espoliação.

Daí aquelas faltas ao trabalho, que se tinham tornado tão frequentes.

Eram em dias de quebrantamentos indizíveis, quando ele vergava demais e se sentia sem forças para se ir submeter ao tormento.

Ficava em casa, no seu pobre quarto de solteiro, ralando-se de tédio e de ódio.

Para matar o tempo entregava-se à leitura, muitas vezes.

Mas ele era um inculto, de gostos ásperos e rudes. Qualquer obra que lhe passasse sob os olhos dava-lhe sono, era incapaz de assaltar-lhe a alma, de penetrar no fundo de seu ser e aí fazer uma chaga branca, por onde lhe gorgolejasse impetuosa a emoção.

Toda a sua biblioteca recreativa eram dois livros apenas: a Bíblia, em formato portátil, e um resumo de doutrinas místicas, quase louco, de um sueco, ambas as obras em inglês.

Eram legados do pai, um albião maníaco, que lhe dissera antes da morte:

— Filho, guarda estes livros. Que eles fiquem contigo substituindo-me, como comigo ficaram substituindo meu pai. De onde estivermos te acompanharemos, e de tua vida, de teus passos, esses livros nos hão de ser o

sinal. Não os perca nunca, não os menospreze nunca. Desses livros depende a tua salvação; eles são o traço pelo qual podes unir tua alma às nossas almas. Enquanto os seguirem, o grande destino de nós ambos será o teu, o destino de nós três será um só. Filho!... filho!... – concluiu, num extremo mistério: – Esses livros foram escritos por Deus!

E, desde a morte do pai, na atmosfera daquelas páginas, exclusivamente, é que seu espírito se tinha educado.

Muitas vezes o Bruce punha-se a pensar longamente na singularidade imprevista daquela deixa, e, com especialidade, daquelas palavras, que tinham a solenidade dos epílogos, pronunciadas como haviam sido quase já de além-túmulo.

O pai em vida nunca lhe falara sobre coisas de religião. Sobre quase nada lhe falara nunca. Era um obsedado, de quem todos ignoravam a ideia fixa.

Quando o Bruce chegara à idade consciente, já o conhecera assim. Sabia que eles tinham vindo da Irlanda, que a mãe morrera por lá quando ele tinha dois anos, que o avô fora ministro evangélico, mas retirado do culto, que o pai vivia de uma pequena pensão perpétua, e quase nada mais além disso soubera.

O pai era um pequeno velhinho, desmantelado nos trajes, de andar miúdo, rápido e incerto, uns olhos cor de violeta, piscos, inquietos, sem cílios, sempre com o ar meio desvairado e ocupadiço de quem anda fazendo rápidos preparativos para uma grande viagem.

Naquele mesmo quarto em que o Bruce hoje morava, moravam os dois.

Pela manhã cada qual saía para o seu lado. O filho, criança ainda, ia em demanda do colégio, entregue a si próprio desde os dez anos, idade em que o pai o retirara da companhia de uma inglesa mercenária, que o tivera em casa seis anos, indiferente, por um simples negócio. O velho, desse o Bruce não sabia o destino nem o rumo. Vinha muitas vezes altas horas da noite para casa, exausto.

No dia seguinte era a repetição da mesma vida absurda.

Com o tempo nunca se esclarecera ao filho suficientemente o mistério. Ele soubera apenas que o pai andava subindo morros, descendo morros, fazendo caminhadas sem rumo, esquadrinhando as florestas suburbanas, sem ter nunca uma ocupação determinada, como o judeu errante, se o houvessem enjaulado dentro dos muros de uma cidade inclemente.

Ao Bruce, salvara-o o fundo de honestidade feroz que consigo trazia. Esse abandono em que se criara, obrigando-o a ser o tutor de si próprio, dera-lhe, por contraposição imprevista, aquela rigidez estranha ao caráter. Sua vida fora ele sempre que ditara com uma retidão instintiva a si próprio.

Ele se acostumara a ver no velho pai um pobre ser dementado, e, partindo daí, o absolvía por completo. Nunca lhe notara mesquinhez de alma. O velho,

distraidamente, a pensar noutras coisas, dava-lhe sempre o que ele ia pedindo, dentro dos seus estreitos recursos, numa bonomia perfeitamente fraternal.

Apenas, o filho nunca pudera assumir o menor predomínio sobre ele, para modificar-lhe os hábitos. Era como uma sombra precisando de comer que vivia a seu lado.

Por isso aquele desfecho causara ao Bruce uma espécie de pânico. Aquelas palavras, a primeira coordenação perfeita que ele ouvia daqueles lábios, agora que eles estavam trêmulos e roxos, na agonia da morte, como que tinham vindo de além.

Ele desconhecera os dois volumes do legado até então. Os livros, no entanto, estavam velhos, amarelos, atritados, como o breviário de um asceta cujos passos penitentes, de tão multiplicados, já carcomeram o soalho do claustro.

VI

Esse mistério subjugara ao Bruce. Era à leitura intrépida daqueles dois livros sobre-humanos, obscuros e formidáveis, únicos capazes de lhe prenderem a atenção, que ele se entregava por horas inteiras naqueles dias negros de desespero e de angústia.

Ainda assim, não raro, essas páginas truculentas esmoreciam aos seus olhos.

E mesmo nos dias de graça intelectual, quando o seu cérebro estava como uma clareira de floresta em que há um lago, capaz de refletir bizarro todos os aspectos estranhos desses grandes arco-íris do pensamento humano, nesses dias em que seu coração ficava antigo, alto e grave, para comunicar com corações de visionários e profetas, ele tinha predileções determinadas, exclusivistas, por autores e trechos constantes.

Isaiás, para seu gosto, era o eixo da Bíblia. Depois vinham os outros de caráter épico: vinha Ezequiel, vinha Jó, vinha São João de Patmos por fim. Salomão, com o seu vasto lirismo, em cujos números carnes místicas trescalam como num vale de rosas, ele sempre o teve no Cântico dos Cânticos como muito pecador e mundano, tanto mais que naquele resumo místico do sueco, que continha uma parte interpretativa de diversos autores da Bíblia, não se falava dessa face divina que lhe atribui a crença ortodoxa.

Os outros, os historiadores, os moralistas, os filósofos médios, os colaboradores do cristianismo, interessavam-no mediocrementemente apenas. Mesmo os primeiros satisfaziam-no por completo no que eles tinham de mais claramente condenatório à vida terrestre.

Por isso é que sua admiração por Isaías chegava às raias da loucura às vezes. É porque este não podia oferecer duas interpretações. Era o mais obscuro de todos, mas, dessa obscuridade, como se fossem trovões e relâmpagos, ele só via saírem ameaças rugindo. Isaías era o seu ideal por ser o profeta das hecatombes e das punições. Babilônia, Nínive, Tiro, Jerusalém, todas as cidades sobre que pesavam os vaticínios funestos do profeta, o Bruce as via de pé ainda hoje, sob outros nomes apenas, à espera da terrível punição prometida das toupeiras, dos morcegos, das sarças, da noite e das cinzas.

Em certos dias, quando ele desvairava com a excessiva leitura dessas obras exaltativas, passava-lhe pelo cérebro uma ideia absurda: a de se fazer um novo Isaías, vestido de sacos, rojando na poeira, maldito das massas, mas turvando-lhes o sol com a noite de sua ameaça profética.

E era nesse desvairamento que o pobre Bruce encontrava equilíbrio para sua alma convulsionada e proscrita.

Se ele saía, porventura, solitário e calado, por toda parte encontrava apenas silêncios hostis.

Nunca em sua vida vira sorrir-lhe com legítimo interesse uma mulher. Era um pobre Zeus, de estatura assustadora, perdido nas nuvens, lastimando-se contra todos os Apolos medíocres, de que ele em vão procuraria imitar as fraquezas sedutoras, que fazem todas as suas vitórias no amor.

Era quase um casto, o Bruce.

Essas que mercadejam tristezas parecendo vender felicidades causavam-lhe uma repugnância aguda, quase sempre indomável.

Certa vez ele procurara uma delas. Era uma pobre rapariga meiga, talvez a primeira que o tratava com mais condescendência, com uma sombra boa de carinho.

O Bruce fez todos os esforços por esconder-se àqueles olhos tristes, envolvendo-se nuns farrapos de sorriso, encadeando-a nuns abraços frouxos, com certos longes de misericórdia e bondade.

Mas depois de afinal ficarem juntos, a mulher notou que ele estava pálido, suando frio, e perguntou-lhe cheia de estranheza por quê.

O Bruce não se pôde mais dominar. Ia-lhe por dentro uma angústia horrível, destas que já nos querem matar, e que estão pedindo um desabafo fatal.

Então ele disse, trágico e cavo:

— Eu sou assim! Eu não posso estar com vocês, mulher! Todas vocês que vivem deste modo me causam uma doença horrível! Olha, parece-me neste momento que o teu corpo todo está molhado e gorduroso de uma infinidade de outras bocas, e que eu, o tocando, sujo minha boca em teu corpo! Eu estou vendo pelos teus seios, pelos teus ombros, pelo teu pescoço uma porção de

bocas grosseiras sugando-os. Vê — fez ele apontando — como que o corredor está sendo invadido por uma onda de homens que aí vêm, bocas grossas, olhos em cio, à procura do teu corpo funesto! Oh!... é horrível! é horrível, mulher!...

Mas nisto o infeliz, ante os olhos desmedidamente abertos da pobre humilhada, encurvou-se, fez um ricto terrível, e deitou pela boca indominável vômito.

VII

Um mês depois, desde que começara com aquelas interrupções ao trabalho, o Bruce voltando ao escritório soube que estava despedido da casa.

Saiu deitando uns olhos de desdém e de cólera em redor. Os outros observavam-no de soslaio, cabisbaixos, trêmulos os corações de prazer e de medo. Apenas o Ernesto fitou-o de frente, com um olhar indizível, reservado, mas cheio de saudade e de dor.

— Ora, pouco importa! — murmurou ele saindo. — Talvez assim fosse melhor!

Mas levava uma espada atravessada ao coração.

Era mais um laço, dos últimos, que se lhe rompia. Oito anos fazem hábito, mesmo no sofrimento maior.

Esta deslocação como que lhe desagregava um pedaço de vida, de si. Naquela atmosfera em que ele se tinha conservado por tantos anos, o passado como que vivia no presente, a sua obra de tantos dias acumulados — menos a obra material do que a dos fluidos do espírito, resultante unicamente de sua presença — parece que ali estava, sensível, dando-lhe importância perante seus próprios olhos e os olhos dos que o rodeavam, mesmo apesar daquela antipatia geral. Era esse prestígio inevitável e misterioso das antiguidades. Mas, saindo abruptamente assim, como que se lhe desfazia de um instante para outro todo o encanto. Ele, agora de momento, se achava insignificante e sentia-se tímido. Parecia-lhe que tudo o que tinha feito se tinha perdido, que nada vinha com ele, ou ficava, e que, no entanto, ele estava esgotado, sem forças para tentar outra construção igual.

Contudo, de mistura com aquelas angústias, ao Bruce em verdade raiava certa legítima alegria no íntimo. Afinal, era como um sentenciado a que tivessem aberto a porta da prisão. Tantos ódios à sua cabeça, pois que ele lhes voltava as costas, evaporavam-se, decerto, agora.

— Há de se viver! — ele, na rua, com a cabeça alta, pensa um pouco para o lado esquerdo, na pose de sempre, exclamou. — Ao menos livro-me deste tormento que eu não podia mais suportar!

Dáí a algumas horas, porém, ele havia caído numa prostração horrível.

Desta passou a um desespero estranho.

Andava assim, como uma peteca da Desgraça, por socavões e ribanceiras, à moda de um ébrio gigante, percorrendo toda a gama trágica da Dor.

E nestas ocasiões o recurso do Bruce era desabafar contra o mundo inteiro, que ele fazia cúmplice de todos os seus infortúnios na vida. Os homens, de tão negros que lhe ficavam, já lhe pareciam verdes, caíam de quatro, e a terra se lhe afigurava, então, um pantanal imenso, estagnado e podre, coalhado de sapos, a coaxarem miseráveis e repugnantes.

— Sapos! sapos! — gritava ele agora, os cabelos ao vento, de noite, no meio de um mato suburbano que procurara, com um ódio negro de tudo, para aí desabafar livremente sua aflição sobre-humana. — Sapos, é o que eles todos são, os miseráveis bandidos!

E dos homens aquele desvairado passava a lançar-se, blasfemo, impetuoso — a estatura enorme, como um demônio de juba de fogo —, para o Céu.

Porque, a par da arrebatada corrente de ideias místicas que aqueles livros lhe haviam incutido na idade viril, havia em seu espírito outra corrente diabólica, igual na efervescência, de negações e iconoclastias. Eram correspondências rítmicas, inevitáveis, da desolação em que ele se criara, sem ter um legítimo afeto feminino, uma canção adormecedora de mulher que lhe embalasse o berço, de uma mãe que lhe pusesse na alma, beijando-lhe a fronte, o pólen de ouro de algumas doces ilusões. Eram influxos das avalanches do século caindo-lhe sobre a cabeça abrasada no abandono, tendo a seu lado, de costas para si, sem nunca se lembrar de ser o seu guia, aquela sombra inútil e fantástica de pai.

Quando este se lhe revelara naquela transfiguração, era tarde. Sua alma já estava enrijecida a meio sob formas ingratas. Era impossível desfazê-la por completo, fusioná-la, como faz o estatuário com o bronze quando errou, e aproveitar a matéria-prima para uma outra modelagem, de linhas purificadas e novas. Ele se tornara um desgraçado proscrito, em cuja cabeça um redemoinho convulso de pensamentos contrários rodava.

Depois, nas suas horas de tristeza relativamente serena, ele se punha a refletir sobre a existência misteriosa daquele velho, e certas hipóteses a que chegava concorriam para destruir em meio a influência que os últimos momentos do pai tinham derramado em toda a sua vida, de então para cá.

Às vezes ele conseguia achar uma solução consoladora, que lhe parecia impor-se-lhe com radiante evidência. Aquele homem estranho fora decerto um triste exilado do Céu. Desde que ele viera até que fora, só pensara, ralado de impaciência, na sua Pátria distante e saudosa. Aquela despreocupação por todas as coisas do mundo, aquela ansiedade nunca interrompida de quem arde por

partir, de quem teme que a hora se prorrogue ainda, aquele silêncio feroz e morno, de espectro, não podiam revelar outra coisa. Talvez o avô fosse também assim. Eles eram — quem sabe? — uma família de eleitos. E por isso seria que nos últimos momentos de sua via-sacra transitória o pai o chamara e fizera-lhe estrondar aos ouvidos, com sua voz imperceptível de moribundo, aquela senha, que lhe despertara, como uma banda de clarins, o espírito. O pai o deixara dormir até então como se faz, compadecido, com um soldado a que ainda não chegou a hora de render o outro na sentinela da noite, em quartel.

Mas outras vezes ele lançava-se de encontro a esse produto de sua imaginativa com a dialética arguciosa de um inquisidor, e de um momento para outro essa criação que lhe parecera tão firme ruía-se-lhe aos pés, como um miserável baralho de cartas. Não, ele não achava próprio de corações atirados lá do alto, sabendo que para lá voltavam, aquela ansiedade sem tréguas. Era dos grandes, era dos fortes a perseverança, a serenidade, a resignação. Quem, atravessando terras, caísse entre os fantasiados liliputianos, o que devia ter, pela consciência da sua organização superior, era a serenidade imperturbável de um rei. Aquele velho vivia, no entanto, como um pobre caracol que feriram na sua carne esponjosa e sensível. Ele era tão assustado, tão curvado em si mesmo, tão tímido! Parecia um pequenino roedor selvagem numa gaiola de exposição zoológica que os visitantes por gracejo assustam.

Nunca tivera a coragem de cuidar de alguém. Fora uma tempestade em copo d'água, sem ao menos causar a menor vibração na atmosfera. Pois se ele tinha a certeza dos videntes, se ele conhecia a volúpia desses para quem se abrem ofuscantes as maravilhas do Céu, por que retardara tanto aquela revelação? Quem tem uma fé absoluta, o Bruce ponderava, vive-a! vive-a escandalosamente, na luz, morre por ela, proclamando-a e universalizando-a com ardor. Guardar com ele uma reserva piedosa por quê? A revelação da verdade, do supremo bem, era um mal? Seria o mesmo que guardar uma criança na treva das cavernas, receando que a crestasse a luz benéfica e voluptuosa do dia.

Então aquelas mesmas dúvidas sugestionavam-lhe um outro caminho. Achava bem possível que o velho tivesse sido a sombra daquilo de que ele, Bruce, era o relevo desesperado. Naquela alma davam-se, talvez, todas as lutas e os desencontros que se davam na sua. Apenas, o pobre velho seria como um desses niilistas eslavos que tem subterrâneos na alma, mas que anda, compungente, sorrindo, como inofensivo idiota nulificado, com medo de que até a luz lhe denuncie os pensamentos sinistros. O pai teria terror das suas próprias ideias, ante a perspectiva do castigo do Alto. Andaria assim toda a vida à procura de uma conciliação no seu foro íntimo, sem poder nunca, no entanto, obter a graça

da simplicidade. E aquelas suas últimas palavras, que afinal eram uma verdadeira conexão desconexa, em face do silêncio que guardara até aí, tinham obedecido, talvez, ainda a essa fraqueza de ânimo, representavam um arrependimento desesperado e ingênuo por não ter vivido hipócritizando com o Céu para extorquir-lhe astuciosamente um perdão.

E até, de quando em quando, ao Bruce vinha uma tentação oblíqua seduzi-lo a aventuras mais desapiedadas e loucas. Ele se continha, os cabelos em pé, com terror de si próprio. Mas, mau grado seu, a alma, como um diabo desobediente, pertinaz, sorrateiro, ficava a pôr pedra sobre pedra, até construir o seu negro castelo... E se ele, o pai, diziam suas conjecturas secretas, tivesse sido uma alma egoísta e perversa, calada de propósito, acompanhando de soslaio o desenvolvimento deplorável da alma do filho, alma que florescera, como um cróton, na descrença, e, por último, depois de a ter visto girando nesse eixo, lhe houvesse lançado, muito de cálculo, aquele vento contrário, para deixá-la desequilibrada e convulsa?!...

Àquele réprobo, àquele desgraçado incomparável salvava de um irremediável desespero apenas um tênue fio nesta vida: era a sua honestidade pessoal. Essa o fazia olhar-se com um orgulho sobre-humano e o conciliava consigo mesmo, deixando-o de pé aos seus próprios olhos, quando tudo aluía e arrasava-se, absolutamente tudo! Deus e os homens, o céu e a terra, ao peso de sua queixa e de sua condenação absurda, universal. Ele, naquela hipertrofia de orgulho, naquele amor andrógino de si próprio, se olhava assombrado, parecia-lhe que unicamente seu vulto enchia o espaço, substituía tudo o que fora criado, numa renovação gloriosa, radical, redentora. E então lhe vinha do fundo a alegria melancólica de um deus solitário, sem fiéis e sem templo, vagando na Esterilidade, mas vivendo do seu próprio espetáculo, magnífico, sem encontrar para perturbá-lo, nos mais íntimos recantos de seus estranhos domínios, a leve sombra de ligeira mácula.

VIII

— Sapos! sapos!

Ainda três meses depois de ser despedido do escritório, assim exclamava o Bruce, passeando agitado em seu quarto.

Esses três meses, ele os passou quase que até o fim completamente inerte, sem querer pensar numa nova colocação que lhe garantisse a subsistência e lhe trouxesse algum sossego ao espírito.

Todos os elementos se haviam reunido como de propósito para fazer daquela quadra o período de maior desequilíbrio que ele já conhecera na

vida.

Durante os oito anos que estivera empregado pudera fazer umas pequenas economias. Nestas é que o Bruce confiava, descuidando-se por aquele modo de tudo.

Aprazia-se agora em andar vagando à toa pela cidade, procurando atordoar-se com o movimento e o ruído das ruas. Mas raras vezes conseguia o seu fim. Horas e horas passava ele preocupado consigo mesmo, com seus pensamentos, de modo que o mundo era como se fosse um deserto, sem interesse, vazio.

Ele ficava meio pasmo, como um sonâmbulo que acordam, quando, mergulhado nestas cogitações, de repente um raro conhecido, ao passar, chamava-lhe pelo nome, despertando-o para a vida real.

— Adeus!... — correspondia em voz alta ao cumprimento que lhe viera.

Mas, enquanto continuava a andar, ia acompanhando o outro, de cabeça voltada para trás, como se tivesse sido por qualquer forma molestado.

— Canalha! — acabava ele quase sempre por exclamar entredentes, completando deste modo a correspondência da afabilidade que recebera. — São todos uns canalhas! — generalizava por fim.

Outras horas dava-lhe para andar provocador, sinistro, examinando as fisionomias numa insolente e demorada pesquisa. Chegava a parar quando alguma das que passavam excitava-lhe uma curiosidade maior.

— Que bandido raro! — ficava ele a rosnar, sacudindo a cabeça.

Eram quase sempre personagens que ele conhecia de vista e de nome, gente de linhas corretas, com ares de vitoriosos na vida. Políticos de nomeada, ministros estrangeiros, representantes das altas finanças.

Mas nem os pobres-diabos, de roupa no fio, já verde, excitavam-lhe a compaixão. O Bruce os achava com cara de criminosos ou então de cretinos. Repugnava-lhe a palidez oleosa de um, o desleixo do cabelo, das unhas, em outro. E vinha-lhe, então, aquela visão frequente que ele tinha da vida.

— Não tem dúvida — dizia —, este mundo todo é um pantanal imenso coalhado de sapos!

E agora, no seu quarto, usava do mesmo epíteto, em furor:

— Sapos! sapos!

Contudo, o motivo de hoje era menos fútil e falho.

Antes de se terminarem os três meses, a ideia de cair num estado precário impressionara-lhe afinal o espírito.

— Não, eu preciso cuidar da minha vida — dissera.

Porque, em verdade, os seus poucos recursos iam assustadoramente minguando.

Do projeto para a resolução ainda mediaram alguns dias. O Bruce nascera para a independência, achava estranho e ridículo, achava vergonhoso o pedir.

Mas, afinal, dirigiu-se a uma empresa onde seus serviços podiam ser utilizados.

Perguntaram-lhe como se chamava.

— Ah! Bruce?! — repetiram com surpresa e curiosidade no olhar, como ele tivesse dito o seu nome. E imediatamente: — Não, senhor, cortaram, não precisamos de desenhista agora.

Quem lhe falava era um subchefe da empresa, que por acaso mantinha relações com alguns rapazes do antigo escritório em que ele estivera. Conhecia-lhe a lenda, portanto.

O Bruce saíra aterrorizado. Na surpresa daquele olhar e no tom expedito da imediata recusa, lera claramente, como na chave de um enigma.

— Ah! aqueles bandidos me fizeram cerco — consigo mesmo pensara.

E, descendo as escadas, afigurava-se-lhe estar vendo claro os antigos companheiros andarem em comissão, fechando-lhe todas as portas, por meio da intriga.

— Estou perdido! — concluiu desolado. — Matam-me à fome! Mas ao menos a um eu tiro-lhe a vida!

E já visava o seu alvo.

Para ele o chefe era com certeza o guarda-livros, um tipo asmático, corcovado, de estatura mesquinha, indivíduo bilioso, cheio de vaidade, que lhe tinha uma cólera particular.

— Mas qual!... — desfizera o Bruce daí a pouco, mudando de parecer. — Todos eles são um! O que era preciso era acabar com todos!

Vinham-lhe pensamentos de anarquista à cabeça. Bombas de dinamite rodavam em trajeto sinistro pelo ar.

— Ora vejamos! — ponderava ele, como entrasse, afinal, de noite para casa. — E eu pensar ingenuamente que me afastando do meio deles aquele ódio maior acabava! Covardes! Estavam de movimentos tolhidos enquanto eu os atemorizava com a minha presença! Covardes!

Ah! no mundo andavam às manadas uns tigres manhosos, que esperavam a ocasião pacientemente, de barriga encolhida, de garras ocultas, até às vezes acariciando, para se dissimularem melhor na pele de gato inofensivo sob a qual se agachavam, à espreita. Infeliz de quem era confiante e era fraco! Chegada a ocasião até as almas vulgares acompanhavam esses bandidos com a subserviência entusiasta dos seduzidos para a imundície do mal!

— Sapos! sapos! é o que são todos os homens! — aí então é que ele exclamou, caindo no seu estribilho predileto.

Por fim ficou a pensar.

— Mas eu não devo me deixar vencer! Seria para aqueles canalhas uma vitória ideal verem-me de cilha à barriga, retorcendo-me de fome!

Ele era deste modo. No seu cérebro as imagens logo atingiam um extremo vigor.

Inesperadamente, porém, passou-lhe pelo rosto um clarão. Tinha concebido um projeto... Ia-se embora daqui!

Nisto tirou do bolso um pequeno molho de chaves. Escolheu, febril, uma delas que era justamente a de sua mala maior.

— Bem! — disse ele, depois de contar o dinheiro de um maço, que retirou lá do fundo do traste. — Ainda tenho quinhentos mil réis. É ir-me embora enquanto é tempo! Vou para uma província. Desenhistas têm hoje muito trabalho por aí... Ah! não tem dúvida, vou-me embora! — exclamou, batendo as mãos ambas, alargando-se-lhe por dentro os pulmões.

Achava uma saída afinal!

E, com a pertinácia daqueles para quem os gozos são raros, principiou a gozar seu projeto, a voltá-lo para todos os lados, louvando-se, como de uma ideia genial.

Era como se de repente se lhe tivesse aberto um outro mundo, risonho.

Ele sentia-se com vinte anos agora. Todas as linhas do seu caráter, enrijecidas, já velhas, tornavam-se brandas, faziam-se plásticas. Lá na província parece que ele sentiria na alma o alvoroço de quem apenas começa a viver. Desde agora, até, já julgava melhores as mulheres de lá. Quem sabia a fortuna, a felicidade, talvez de há muito lá o estivesse esperando à porta!

O Bruce agora começava a ver como é vão desesperar, como a vida oferece tantos [185] recursos, às vezes dependendo de coisas tão simples. Até ele, um infeliz, que saíra fora da bitola comum, neste ponto era como os outros homens, que insignificâncias exaltam, mas a que também coisas mínimas, tão fáceis, podem dar a ridente calma do espelho de um lago.

IX

Mas o projeto não se realizou.

— É o que eles querem! — começou a contrapor o Bruce. — Não! é necessário que eu me coloque aqui mesmo! Depois — que diabo! —, decerto que eles não têm influência para incompatibilizar-me com toda esta vasta cidade! Eu não roubei, eu não fui despedido por fato vergonhoso nenhum, não tenho uma mancha em minha vida... Não!... não me podem desmoralizar tão facilmente assim!... Foi precipitação da minha parte, nada mais. Eu fiz uma tentativa apenas.

Ora, é raro que da primeira se tenha bom êxito. Estas coisas demandam perseverança, paciência e tempo.

Mas, dois meses depois, ele nada tinha conseguido ainda.

No princípio não podia compreender que lhe fosse indispensável para ser bem-sucedido entrar em comédias com os outros homens.

— Eu não sou mulher — pensava —, que para agradar precise desfazer-se em graças de símio.

A experiência, porém, foi deixando-o boquiaberto aos poucos. Ele observou que sua simples presença era incômoda, que sua voz, seu olhar, apenas, destruíam tudo, sem outros motivos, porque ele era naturalmente lacônico, limitava-se a falar de sua pretensão quase como se faz um anúncio de duas linhas em jornal. E as recusas sucediam-se, como golpes secos na sua esperança. No entanto, ele não observara mais em nenhum dos que lhe negavam trabalho aquele olhar do primeiro, prevenido e informado.

Custava-lhe muito, muito! mas não havia remédio! tinha de modificar o processo. Era uma questão de vida e de morte, porque suas economias se estavam a esvaír. Já agora com o que lhe restava não teria coragem de viajar.

Então, depois de terríveis hesitações, durante trágicas semanas inteiras, em teimosia heroica, ele começou a ensaiar-se lá em casa. Levava ao espelho minutos seguidos, amaciando as rugas da cara, como querendo pregar a alfinetes na grande boca, tão amarga, sorrisos amáveis.

Que dor e que cansaço indizíveis! Era como uma mulher que ficou para tia, a que os anos chegaram, que já acha ridículo querer seduzir, sentindo-se dura de ossos, e que, no entanto, de repente a necessidade obriga a se fazer de moça e representar o papel de coquette.

O Bruce ensaiava maneiras, estudava exórdios, aflautava a voz, às vezes caindo-lhe lágrimas dos olhos.

Pois o que ele havia de fazer?! Tornar-se gatuno, dar em vagabundo, em homem perdido? — interrogava desesperado. Ao menos aquelas vergonhas, ele as curtia de si para si. Conseguisse colocar-se, e ninguém se havia de rir dele, porque só ele sabia dos seus amargos segredos.

Nem assim, porém, obtinha êxitos melhores. Contrafazendo-se, saindo de si, ele ficava mais antipático, inspirava desconfianças aos chefes. Seus sorrisos pareciam rictos, suas amabilidades faziam pensar em bandidos, tinham clara feição de insidiosos embustes. As frases que ele arranjava antecipadamente desmanchavam-se todas, deixando-o gago, sem palavras, em meio.

Depois, atravessavam uma grande crise as indústrias. As colocações se tinham tornado realmente difíceis.

Até agora num ponto ele se conservara intransigente em absoluto. Dera todos esses passos por exclusiva iniciativa própria, sem informações nem conselhos de pessoa alguma. Não procurara ninguém, não desabafara com quem quer que fosse.

Mas, depois de tantos insucessos, principiou a palpitar-lhe que nessa reserva é que estava o mal.

Foi outra luta tremenda em que ele se teve de empenhar para vencer sua grande repugnância contra essa concessão, que já parecia muito aviltante aos seus olhos.

Mas ainda desta vez cedeu do seu orgulho misantropo e feroz.

Passou a andar pelas ruas como uma mulher de trottoir, segura aqui segura ali, à cata de esfarrapados conhecimentos banais.

Que martírio, porém, para retê-los, para detê-los, para levá-los consigo, que argúcia difícil para encaminhar-se com eles por conversas largas, genéricas, até ver se obtinha indiretamente qualquer indicação, qualquer parecer capaz de aproveitar ao seu caso, que ele ocultava cuidadosamente aos outros!

Mas, nem de propósito, eles pareciam esquivos como nunca.

Eram homens, na maior parte, que o tinham conhecido pelos acasos dos negócios e da rua, que tinham mantido com ele relações superficiais até então, simples troca de cumprimento, alguns. De quase todos, pelo seu desdém habitual, ele ignorava até o próprio nome.

Hoje, assim solicitados, estranhavam o Bruce. Os que lhe conheciam mais ou menos a vida, informados de que perdera a colocação, receavam-se dele como de um homem que a justiça perseguisse. Podia lhes ser pesado depois. Os outros, que só agora ele abordara, ficavam surpreendidos das suas maneiras. Com quem quer que ele falasse, fazia-se logo dominador e despótico.

Os suscetíveis, os vaidosos, aborreciam-no imediatamente; os mais fracos tomavam-se de uma espécie de incômodo temor. Não havia entre eles e o Bruce esses laços que só o tempo é que faz, depois de uma longa convivência, quando os homens, por mútuas concessões, resultantes de uma luta demorada e surda, estimam-se, e então se toleram de bom grado, afinal. Daí aquela debandada, que de modo algum ele podia conter.

Entrou, então, a fazer-se obsequioso, pagando-lhes bebidas baratas. Eles aceitavam, mas com ar de gente atarefada, como que lhe fazendo um favor, sem se sentarem quase, deixando-o, a maior parte das vezes, imediatamente, mal tinham ingerido o licor ou o café.

— Ora já viram estes canalhas! — queixava-se de si para si o Bruce. — Não se apercebem de que eu os honro com estas deferências, quando o que eles mereciam era o meu desprezo e o meu nojo!

Mas, apesar de tudo, ele no dia seguinte voltava, insistia, forjando paciência, porque precisava levar aquela vida infernal. Parecia um infeliz que naufragou, à noite, no meio do oceano, obrigado a gritar por socorro, a gritar sempre, enquanto lhe reste um pouco de forças para soerguer-se, inutilmente embora, à procura de uma alma, na vastidão deserta das ondas. Mas não era apenas por uma simples necessidade material. É que o Bruce agora tinha feito da rua o seu último reduto.

Ele andava numa forte obliteração moral. Gradativamente fora fugindo de casa, dos livros, das solidões, roído por um tédio crescente, medonho. Sua alma foi ficando sem atmosfera, cega e surda, como nos momentos daquela noite, quando, a lastimar o rompimento com o Ernesto, ele julgara que já ia morrer. Assim, no fundo, era também para matar o tempo, a todo custo, que ele andava naquela aparência de atividade febril. Depois das primeiras transigências é que isso se acentuou melhor, e, quanto mais se ia definindo, com maior facilidade ele se embrenhava por esse terreno escorregadio das facilidades morais.

Felizmente, ainda, aquele desgraçado estava iludido, sem ver que estes sintomas eram, sob todas as aparências, os pródromos assustadores de uma vitoriosa e inclemente decomposição.

X

— Mas é natural! Amigos querem amigos. Toda amizade legítima entre os homens é a resultante de dedicações e de afetos mútuos, não é assim?

Deste modo o Bruce raciocinava agora, isolado numa brasserie.

Havia uma multidão ruidosa em redor. Eram nove horas da noite. Os bicos de gás iluminavam, brancos e crus, uma grande galeria de feições congestionadas. Estava-se entrando no verão.

— Mais uma, frappée! — pedia em alta voz um vizinho.

Enquanto isto, de outro lado, onde havia um grupo de rapazes, rebentavam gargalhadas enormes.

Pac! pac! pac! de uma à outra extremidade estouravam garrafas, como vírgulas pontuando o ruído daquela colmeia humana. Pesava nesta atmosfera o nevoeiro cálido de uma vaga embriaguez. Os vapores do álcool tinham adormecido aquelas almas em meio, enchendo-as de esquecimento e de sonho. Sob à temperatura em que estavam, aquela pequena multidão cosia-se, mas com indiferença, inconsciente, sentindo nisso, até, uma certa delícia, como se estivessem entre línguas de fogo acariciadoras e emolientes.

Ao Bruce, pelo menos, aquilo parecia assim. Um olho meio fechado, em frente ao copo, que havia pouco pela terceira vez tinha mandado atestar, ele

agora estava com uns ares de pândego, a cara escanhoada enorme, como a de um padre ébrio, funambulesco como um clown.

Havia alguns segundos apenas que ficara sozinho.

Não, que afinal ele sempre conseguira fazer uma boa dúzia de amigos. Descobrira o segredo, como naquelas observações, que fazia de si para si, estava revelando.

Ora... tanto bateu... tanta experiência adquiriu, que foi compreendendo por fim...

O amigo demorou-se uns dois minutos, quando muito. Como estavam em frente à porta que dava para a rua, ele vira passar alguém de seus conhecimentos, parecia um rapazola, e saíra para dizer-lhe uma coisa qualquer.

— És tu canaille? — disse o Bruce, com certo ar de malícia e lisonja, quando o outro voltou.

— Qual, compadre, o negócio não vai bem... — respondeu o companheiro em tom grotesco, e caíram ambos numa gargalhada igual, do mesmo diapasão, indicando cumplicidade entre eles.

Este outro quase que tinha a mesma altura do Bruce. Mas era um tipo diferente. Cabelos pretos, olhos pretos, meio mortos, bigode preto, olheiras extremamente inchadas, beiços grossos, moreno, fronte estreita, todo o ar de um personagem lombrosiano. Tinha os ombros caídos, caminhava meio vergado, denunciando sofrimento na espinha dorsal.

— Mais chope, não é? — disse ele daí a pouco, olhando para o Bruce, mas pondo uma absoluta autoridade na pergunta.

O garçom que os servia, além de trazer dois copos pendendo-lhe das mãos, veio sobraçando uma garrafa de cognac. O Bruce gostava de misturar; achava o chope por si muito fraco.

Com este companheiro havia uns dois meses que ele tinha travado relações íntimas numa casa de jogo.

Porque o Bruce caíra até nessa degradação.

Com a necessidade de convivência a todo transe, tratou de acaçar-se, como um boneco de caixa de surpresas, de perder a pose, de esconder o extremo rigor de vistas e de opiniões, para se nivelar com os mais.

Mas ainda não era o bastante. Era necessário desabafar francamente, sinceramente.

Ah! o Bruce estava seguro disso agora. Enquanto não se desabafavam, não havia verdadeiros amigos. As maiores amizades vinham de duas queixas que se encontram.

Era natural, ligaram-se-lhe mais cordialmente os desempregados como ele, os déclassés, os de condições sociais mais ou menos idênticas às suas.

Quanto mais, porém, o Bruce os foi conhecendo, de cada vez com mais convicção os foi julgando, a quase todos, uns refinadíssimos canalhas.

Ora... adeus! ficou canalha com eles... Bebeu, entrou em lubricidades lúgubres, passou noites inteiras em covis de jogo...

Que havia de fazer? Já agora era forçoso acompanhá-los. Lá se tinham ido todas as suas economias. Não lhe restava nem chelpa no bolso. Tinha ficado, portanto, numa inevitável dependência deles.

O Bruce vivia dormindo, de olhos abertos. Era horrível vê-lo naquela tranquilidade de alma, com todas as aparências de uma liga entusiástica e definitiva com a lama.

Ele fizera uma grande questão de prender-se intimamente a este homem com quem naquela noite bebia. Era um indivíduo que dispunha de meios largos, e um tanto manirroto, desde que lhe caíssem na afeição. Apenas, muito autoritário, dessa autoridade rabugenta, mal-humorada, dos doentes e dos viciosos. Agora, porém, não seria isso que fizesse alguma moossa ao Bruce. Ele estava suficientemente preparado para se fazer capacho, desde que fosse necessário usar dessa capadoçagem para sair-se bem de seus planos.

Outro laço por que ele se prendera a esse sultão de pocilgas fora uma qualidade que o caracterizava, pela qual ele era conhecido em todos os bordéis que frequentava. Diziam desse indivíduo que ele tinha vícios de Sodoma, que era um sibarita dos de pior espécie.

Porque no Bruce se haviam desenvolvido tendências semelhantes. Dava-lhe às vezes que pensar aquela sua amizade de outros tempos com o Ernesto, cujo íntimo segredo só hoje lhe parecia desvendado. Isto o fazia rir, porque ele achava impagável a sua angélica parvoíce de então.

O Bruce tinha engordado algum tanto. A face parecia uma lata incandescente, como a de um homem envergonhado, mau grado seu, de uma afronta que lhe fizeram — relutando contra essa fraqueza, contudo —, a boca distendida num sorriso de sátiro. O nariz enorme era um facho, de que parece ele se havia provido para à noite acertar com o dédalo dos becos suspeitos.

Continuando nessa vida de desmoronado, cada vez para pior, o Bruce, que se havia mudado da casa onde passara quase uma vida inteira para um cômodo de hospedaria barata, pequenino e imundo, abriu uma vez, com curiosidade agora sacrílega, um daqueles livros formidáveis que lhe deixara o pai. Leu apenas umas linhas. Não pôde mais. Ficou rindo a perder.

Que grotescos lhe pareciam hoje esses duendes! Eram-lhe letras mortas agora aquelas que noutros tempos lhe haviam sobressaltado a vista como caracteres de fogo, picantes. Em todo esse incêndio permanente que lhe havia inundado a alma, como um banho ígneo, de insólita tonificação, ele hoje

navegava brincando, como num lago de bobagem, que os rapazes fazem para soltar barquinhos de papel, cujas tempestades são os sopros falhos daqueles débeis pulmões infantis.

E continuou a rir, vitorioso, emancipado, com a felicidade íntima de quem afinal conseguira vencer a vida, tão trágica, reduzi-la a um vaudeville canalha, e plantar-se sobre ela, seguro, despótico, já agora com o tédio vago de quem não encontra mais no horizonte coisa alguma que o excite, que lhe dê as angústias supremas da aspiração e com esta a febre convulsiva, mas tonificante, da luta.

XI

À noite, porém, como ele andasse meio febril e nervoso, com ligeiras manifestações de alcoolismo, o Bruce teve uma espécie de pesadelo, um sonho estrambótico e incômodo.

Apresentou-se-lhe o pai, pequenino, com uma estatura inferior à que tinha em vida, e vinha todo risonho, todo malicioso, pisca-piscando os olhos sem cílios. Bateu-lhe de leve num ombro, encarou-o um instante, e disse-lhe, em tom de camaradagem jovial:

– Então? Passaste-me a perna, canalha? Não quiseste cair no laço? Pois olha, eu gastei uma vida inteira para armá-lo... Não sabes como eu te invejo de lá de cima, ladrão, esta bela vidinha que conseguiste seguir! É o que eu devia ter feito e não fiz, por simples poltronearia. Passei sem incomodar-me com coisa alguma deste mundo, no mais profundo egoísmo, isso é verdade, mas, afinal, um modo de gozar muito aborrecido e monótono. Continua!... E adeus! Paz e bichas, meu velhaco!

Nisto o Bruce viu o velho disparar para cima, numa gargalhada estridente, infernal.

Daí por diante, quase todas as noites, foi aquele tormento.

Mas, ora a aparição se apresentava sob este aspecto, ora sob formas diferentes.

De uma vez ele viu somente isto: o velho passou-lhe pelos olhos tal qual o Bruce sempre o conhecera, ansioso, calado, com aquela preocupação de quem se anda preparando para uma longa viagem. Lançou-lhe, porém, um olhar indizível, de desprezo e de lástima. Daí a pouco voltou, nessa mesma atitude, inalterável. Foi. Tornou a voltar instantes depois. Andou assim, nesse passe e repasse, vagaroso, intermitente, dez vezes. E vinha iluminado como por um clarão duradouro de relâmpago.

A pior dessas visões, porém, teve-a o Bruce numa noite em que o velho se lhe apresentou quase tal e qual tinha vindo da primeira. Apenas estava

minúsculo, vinha olhando para o filho como para uma torre perdida nos ares. Trazia o mesmo sorriso, mas agora mais lisonjeiro, servil. Principiou a falar-lhe, a captar-lhe a confiança, untuoso. Embrenharam-se por conversas escabrosas, de bandidos alegres, os dois. O Bruce abriu-se francamente, a dar esclarecimentos minuciosos, que o pai, cheio de curiosidade, pedia, contando-lhe processos de vida que adotara, audazes, criminosos, infamantes.

Neste tempo, entretanto, um mês depois que aqueles pesadelos tinham começado a visitá-lo, ele já modificara seus costumes, impressionando-se progressivamente com aquilo, de modo a ter atingido a um verdadeiro terror.

Fora ficando silencioso, arredio. Continuara a frequentar algumas rodas, porque literalmente estava dependente delas, precisava de pão.

Demais, não conseguira livrar-se do álcool. Pelo contrário, de cada vez bebia mais, preferindo com paixão a aguardente e o cognac.

Como tinha uma resistência rara, porém, lhe era muito difícil embriagar-se de modo a ficar numa inconsciência completa e salvadora.

Pelo contrário, quase sempre, dormitava entre uma meia lucidez e uma meia alucinação, diabólica e cáustica.

Tinham-lhe voltado suas preocupações morais. Ele se encontrara de novo consigo mesmo, mas ficara assombrado da ruína trágica que representava agora, vendo-se cheio de crimes e de lama. Rompera-se aquela antiga conciliação entre o seu orgulho e a sua individualidade própria.

Então o infeliz se tornara o algoz de si mesmo, achava-se asqueroso, comparava-se, como noutros tempos comparava os outros, a um sapo.

— Sapo! sapo! sapo! — gritava ele para dentro de si, pondo-se num inferno, por seu motu próprio.

Nessa noite recolhera-se com o estômago varado de fome, sem quase o sentir, porque havia três dias não procurava alimento.

Acabara por passar assim, isolado de todos, sem comer, principalmente sem dormir, aterrorizado de seus sonhos, assustado do mundo, como quem vai entrar numa completa alucinação.

Corriam por esse tempo os últimos dias mais rigorosos do estio.

Achava-se incompatível de viver, indigno de ter por amigos até os cães. Queria a morte, mas depois de uma penitência sem exemplo, que ainda lhe pudesse trazer a salvação.

Passara a crer novamente, mas com uma crença de réprobo, assaltada de um medo furioso, indomável.

E talvez porque seu espírito se houvesse embrenhado por esses tenebrosos caminhos, aquele sonho que ora o surpreendera, quando ele estava debruçado sobre a mesa, foi tomando um desenvolvimento singular.

Aos poucos, capcioso, o pai, depois de lhe ter arrancado aquelas confissões absolutas, assumiu uns ares irônicos, que se foram fazendo amargos, e começou a ridicularizar-lhe as opiniões perversas, aborrecê-las, a enojar-se delas, a evidenciar-lhes a infâmia e a baixeza. E enquanto isto ia insensivelmente crescendo.

— É assim, filho, é assim — acabou por trovejar —, essas ideias são mais repugnantes do que o vômito de um gato leproso! E tu és o defensor confesso, o praticador confesso de tudo isso, não és?!

Agora ele estava gigante, media-se face a face com o Bruce.

— É desse modo então que ouviste as minhas derradeiras palavras?! — continuou. — É assim que perpetuas a minha tradição sobre a terra?! É sujo, da cabeça aos pés, como estás, que aspiras ao caminho da Resplandescência e da Pureza?! Filho, eu ainda te chamo assim para ter o direito de te amaldiçoar, como te amaldiçoo para sempre!! Tremes?! — ele ironizou pungente, como visse o infeliz numas convulsões de epilético — tremes?! Que fizeste de teu incomparável orgulho, então?! Ah! é que te sentes podre, já meio oco, como um olho que de tanta sânie vazou! Tinhas orgulho por quê? Hoje, vê tu, és pior do que todos quantos desprezavas!

Hoje, Bruce, hoje tu és sapo!!

Mas, enquanto falava, a visão sinistra fora crescendo sempre, e agora, de tão grande, já estava longe das proporções humanas.

A vítima miseranda daquela alucinação, pelo contrário, sentia-se cair, cair sobre si mesma, fazendo-se meio rotunda, meio informe.

Quando aquela última frase retiniu-lhe aos ouvidos, pareceu-lhe que por todos os lados o fantasma se multiplicava, e que, de toda parte, em coro, aqueles múltiplos fantasmas saídos de um só repetiam em estribilho implacável:

— Sapo! sapo! sapo!

E aí o Bruce se sentiu sapo, fisicamente, em verdade.

Ele viu malhas amarelas e verde-escuras cobrirem-lhe o corpo, os olhos saltaram-lhe, rubros, das órbitas, veio-lhe uma ânsia enorme de desabafar aquela angústia, mas, ao mesmo tempo, ele sentiu uma força invencível impeli-lo para o solo, onde caiu com as duas mãos, que já lhe pareceram encurtar-se com forma de patas. Então, saltando, saltando, quadrúmano, ele começou a arrancar da alma umas notas de fazer chorar pedras, mas sob a forma horrível de um coaxar perfeito, com que despertou toda a casa, assombrada.

O Bruce estava para sempre louco.

Agora ele vive em hospital de alienados, ordinariamente modorrento durante o dia, de rastros no chão. Tem-se por um grande batráquio solitário, encurralado numa espécie de aquário lamacento e triste. Passa as horas

apanhando insetos, de boca entreaberta, ou a catar do solo coisas malsãs, negando-se a receber outros quaisquer alimentos.

Quando o dia vai declinando, ele começa a despertar, a olhar para o céu, através das grades da cela. Batem-lhe os últimos raios de sol, mortiços e suaves, sobre as costas, o ocidente todo tocado de mágoas, como um campo onde saudades de várias cores, lírio, vieux-roses, roxas e brancas florescem. E ele se sente todo voluptuoso, todo vibrante, com a epiderme assim mornamente aquecida.

Começa então a coaxar. São notas tão tristes essas de seu estranho canto monótono, que às vezes a casa inteira fica suspensa daquela boca condenada, os outros loucos, próprios, como que recuperando momentaneamente a razão.

Nos dias em que a lua, sedutora fatal, o atrai e o convulsiona, deixando-o como uma tempestade encarcerada, aquela visão sinistra que lhe quebrou o último fio de razão vem atormentá-lo frequentemente, sob formas diversas, mas sempre impiedosas e malditas.

Passada essa fase, porém, alucinações cheias de misericórdia o protegem. Por horas e horas lhe faz companhia o velho pai, mas com a estatura que tinha em vida, pequenina e trêmula, meigo como o Bruce nunca o tinha conhecido, abraçado com ele, chorando ambos em torrente um bom choro de desafogo, em que há um gozo [208] secreto, o velho lastimando-se da indiferença com que passou pela terra, e por isso participando agora daquela imensa desgraça, voluntariamente, como de um castigo que para ser justo deve ser comum. E então no pobre louco às vezes ressurgem sua esperança morta, ele entrevê o Céu de novo, mais claro, e maravilhoso como nunca, ouve daqui de longe as fanfarras dos anjos, músicas cheias de clemência e de serenidade, que só lhe falam de Amor e de Perdão.

